

JOSÉ CARDOSO PIRES

A solidão reinventada

Lobo Antunes chamou à sua prosa a "escrita do osso". Em *O Delfim*, agora no cinema, Cardoso Pires dissecou o marialvismo

TEXTO: DULCE GARCIA ■ FOTOS: ARQUIVO CM

CRONOLOGIA DA OBRA

- 1949 - *O Caminho e Outros Contos* (conto)
- 1952 - *Histórias de Amor* (conto)
- 1958 - *O Anjo Ancorado* (romance)
- 1960 - *O Render dos Heróis* (teatro)
- 1960 - *A Cartilha do Marialva* (ensaio)
- 1960 - *Jogos de Azar* (conto)
- 1963 - *O Hóspede de Job* (romance)
- 1968 - *O Delfim* (romance)
- 1972 - *Dinossauro Excelentíssimo* (1972)
- 1977 - *E Agora, José?* (ensaio)
- 1979 - *O Burro em Pé* (conto)
- 1980 - *Corpo Delito - Na Sala de Espelhos* (teatro)
- 1982 - *A Balada da Praia dos Cães* (romance)
- 1987 - *Alexandra Alpha* (romance)
- 1988 - *A República dos Corvos* (crónica)
- 1994 - *A Cavalhada no Diabo* (crónica)
- 1997 - *De Profundis, Valsa Lenta* (memória)
- 1997 - *Lisboa, Livro de Bordo - Vozes, Olhares, Memorações* (crónica)

Há quem fuja dela como o Diabo da Cruz. Mas José Cardoso Pires não, antes pelo contrário. Nas várias entrevistas que o romancista, dramaturgo cronista e ensaísta deu à imprensa nos últimos anos, a solidão é uma palavra constante. E desejada. "Eu gosto muito de silêncio, gosto de solidão, não sou capaz de escrever diante de ninguém."

Para desfrutar dessa companhia querida, o autor refugiava-se na sua casa da Costa da Caparica, sentado em frente a uma secretária improvisada, a olhar a imensidão do mar. Ou seria a olhar para dentro de si?

"Um tipo escreve para se identificar a si próprio, para se identificar com a língua, com o país, e tudo o mais. Esse jogo obriga a identificar os outros. Nós só nos identificamos identificando os outros."

José Cardoso Pires, unanimemente considerado um dos maiores escritores portugueses do século XX, fazia bem esses retratos.

Ia ao fundo das personagens refazer-lhes as entranhas e depois, em poucas palavras (era um crítico do adjetivo, o qual considerava quase sempre "supérfluo"), expunha-as ao mundo.

Isso está bem patente num dos seus mais aclamados romances, *O Delfim*, que agora chega às salas de cinema pela mão do realizador e amigo, Fernando Lopes.

Um romance soberbo que põe a nu a agonia da burguesia rural e, de caminho, a morte lenta do regime salazarista (patente, por exemplo, nalguns diálogos sobre a descolonização).

LISBOA, MEU AMOR

Beirão de nascimento e alfacinha de corpo e alma – cresceu na freguesia de S. Jorge de Arroios e passou o final da sua vida no bairro de Alvalade – José Cardoso Pires foi um verdadeiro homem dos sete ofícios (embora só um o tenha acompanhado até aos últimos dias).

Depois de frequentar o "mítico" Liceu Camões, aguentou durante três anos o curso de Matemáticas Superiores, sobretudo para fazer a vontade ao pai, um oficial da Marinha. E também o José andou pelos mares, quando se alistou na Marinha Mercante como praticante de piloto (sem curso). Mas foi "coisa" de pouca dura, já que a sua disciplina foi considerada "indisciplinada" demais.

Uma vez devolvido à sua sorte, e a terra firme, Cardoso Pires começa a colaborar em jornais — primeiro na página literária de *O Globo*, depois como redactor e chefe de redacção da revista feminina *Eva*, mais tarde à frente da célebre revista *Almanaque*, cujo corpo redactorial era então composto

por ilustres como Luís Sttau Monteiro, Alexandre O' Neill, José Cutileiro, Augusto Abelaira e Vasco Pulido Valente. Claro está que davam muitas dores de cabeça à Censura.

A sua aventura no jornalismo consegue ainda colocá-lo na direção-adjunta do *Diário de Lisboa* (em 1974), mas nessa altura já ele estava irremediavelmente perdido nos romances, nos contos e nos ensaios (sem esquecer ainda a sua contribuição na escrita para Teatro).

Mas o José, ou Zé como era tratado pelos mais próximos, fez outras coisas: traduziu Arthur Miller, geriu as Edições Artísticas Fólio (onde Aquilino Ribeiro publicou *O Retrato de Camilo*), foi agente de vendas, correspondente de inglês e intérprete de uma companhia de aviação. E também foi preso porque os seus livros, mesmo aqueles que se socorriam de títulos cândidos — como a colectânea de contos *Histórias de Amor* — não se compadeciam com verdades de algodão doce.

Cardoso Pires, o homem de esquerda que nunca militou em partido algum, os olhos vivos por detrás de uns óculos de aros finos, escrevia com a acutilância de quem não tem tempo a perder nem paciência para gastar latim à toa. Chamaram à sua escrita, a “escrita do osso”; aquela que não se perdia na moleza das carnes; as palavras nuas e cruas, e assim ainda mais belas, como uma mulher bonita a quem tiram os folhos e a maquilhagem. Ou como um whisky puro, desses que bebia ao balcão dos bares habituais, sobretudo os que fecham a orla do Cais do Sodré.

Discreto na aparência, cuidadoso na tecelagem da sua escrita — a qual garantem ter rompido definitivamente com o neo-realismo “entorpecido” da época — deixou saudades nos seus inúmeros amigos. António e João Lobo Antunes, Júlio Pomar, Mário Ventura e Óscar Lopes eram apenas alguns deles.

A VALSA DO ADEUS

E de repente, na manhã chuvosa do dia 12 de Janeiro de 1995, a vida pregou-lhe uma partida. Uma grande partida que lhe roubou a memória e apagou de si os vestígios do grande homem que, lá no fundo ele sabia que era. As memórias do riso e das aventuras artísticas, no bando dos surrealistas; a “paródia” e as conversas sérias nas tertúlias da noite quando os cafés e bares faziam a história dos Homens; a ideia do amor, ele que sabia muitas



O DELFIM

Considerado por muitos como a obra-prima de José Cardoso Pires, *O Delfim* é uma espécie de radiografia, em tons fortes, do Portugal rural e decadente dos anos 60, quando a ditadura dava já sinais de depressão profunda. A adaptação para cinema está desde sexta-feira nas salas de cinema, e será, talvez, a grande homenagem de um amigo e realizador de mérito, Fernando Lopes, o qual sempre manifestou o desejo de um dia levar à tela uma obra de Cardoso Pires.

Com: argumento de Vasco Pulido Valente, produção de Paulo Branco e fotografia de Eduardo Serra, o filme gira em torno da “queda” de um marialva português — o Infante e infantil senhor da Lagoa — deixando a nu as regras que ditavam as relações entre homens e mulheres da altura. Brillhantes as interpretações de Rogério Samora (o Palma Bravo, que desfaz a fortuna nos bares de alterne de Lisboa) e de Alexandra Lencastre — a bela e sensual Maria das Mercês, prisioneira de um homem que a rejeita e ao qual não consegue assegurar a descendência.

Destaque ainda para os desempenhos de Isabel Ruth, no papel da governanta Aninhas; Rui Morrison (o narrador, caçador e esporadicamente confidente de Tomás) e Milton Lopes (no papel do criado “preto e maneta”, que o infante humilha sem pudor).

Uma obra cheia de recantos, subtilezas e tensões, com diálogos certos e provocadores e ilustrada por uma banda sonora no mínimo perfeita. A não perder. Positivamente (como diria Tomás Palma Bravo)!



coisas sobre as mulheres e que, tendo perdido a memória de tudo, manteve-se ligado a Edite, companheira de uma vida. “Ela era a única. Não sabia o nome dos filhos, não sabia o meu nome. Há quem diga que este livro [*De Profundis Valesa Lenta*] é uma declaração de amor à minha mulher.”

Este primeiro acidente vascular cerebral (AVC) mantém-no internado no Hospital de Santa Maria, submerso naquilo a que chamará de “morte branca”. Mas o homem era duro de roer e deu a volta à morte, essa criatura manhosa que costuma chegar inesperadamente.

Contrariamente a prognósticos e expectativas, José Cardoso Pires recuperou e, não contente com o regresso triunfal à vida, escreveu então o “diário” desse estranho que habitou o seu corpo e a sua cabeça durante semanas.

Uma obra que o neurologista e autor do prefácio, João Lobo Antunes, classifica de ímpar — “Devo dizer-lhe que é escassa a produção literária sobre a doença vascular cerebral. A razão é simples: é que ela seca a fonte de onde brota o pensamento, ou perturba o rio por onde ele se escoia, e assim é difícil, se não impossível, explicar aos outros como se dissolve a memória, se suspende a fala, se embota a sensibilidade, se contém o gesto”. Ele voltou a este mundo e contou as coisas do outro. E depois fez o retrato da sua cidade amada, em *Lisboa - Livro de Bordo* (que lhe valeu o prémio Pessoa, um dos maiores que recebeu ao longo de mais de 50 anos de carreira literária). A 18 de Abril de 1998, sofre um novo AVC e volta a ser internado de urgência no Hospital de Santa Maria. Volta a casa um mês depois, e recebe os prémios D. Dinis (da Fundação Casa de Mateus) Vida Literária (da Associação Portuguesa de Escritores) e o Prémio da Crítica (do Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários).

A morte, traiçoeira, está cansada de o chamar sem resultado. No dia 8 de Julho do mesmo ano, tem um novo AVC. Desta vez não regressa da viagem. ■